

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

MULHERES ASSENTADAS ABREM NOVOS ESPAÇOS SOCIAIS.

Alzira Salete Menegat.

Cita:

Alzira Salete Menegat (2009). *MULHERES ASSENTADAS ABREM NOVOS ESPAÇOS SOCIAIS. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/895>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/K1a>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

MULHERES ASSENTADAS ABREM NOVOS ESPAÇOS SOCIAIS.

Alzira Salete Menegat¹
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
alziramenegat@ufgd.edu.br

Neste estudo procuramos refletir sobre a vida de mulheres assentadas, tentando compreender os espaços sociais que ocupam, e, especialmente, aqueles que produziram a partir da chegada nos lotes de terras nos assentamentos Taquaral² e Sul Bonito, localizados nos municípios de Corumbá e Itaquiraí, Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Procuramos observar em que sentido o viver em assentamentos rurais, produziram mudanças para suas vidas em termos de transformar sua condição de trabalho, de participação social, conquistando maior poder nas decisões e no construir de novos projetos, com novas visões de mundo diante da nova realidade, tornando-se elas próprias, novos sujeitos sociais. É preciso destacar que os espaços de assentamentos foram tornados possíveis na realidade brasileira a partir de meados da década de 1980, quando efetivação das políticas de reforma agrária.

Para a compreensão da vida das mulheres realizamos entrevistas e produzimos imagens partindo de um projeto de pesquisa desenvolvido pela equipe do Laboratório de Estudos de Fronteira (LEF)³, entre os anos de 2005 a 2007, fomentado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), intitulado “Retratos da vida nos assentamentos Taquaral e Sul Bonito: as fotografias como instrumentos reveladores da (re) construção de novos lugares⁴.”

No levantamento dos dados⁵ fizemos uso da História Oral por entender que é uma metodologia que permite reconstruir histórias a partir das narrativas dos sujeitos que as

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Campus de Araraquara, Professora adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados, desenvolve pesquisas em áreas de assentamentos rurais com apoio da FUNDECT e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

² O presente estudo representou nosso segundo retorno para investigações no Taquaral, uma vez que lá desenvolvemos nossa pesquisa de doutoramento, defendida em 2003, junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da UNESP, Câmpus de Araraquara, intitulada “No Coração do Pantanal”.

³ No LEF, um dos laboratórios da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados, desenvolvemos diversas pesquisas com assentamentos rurais de Mato Grosso do Sul.

⁴ No projeto de Pesquisa “Retratos da vida nos assentamentos Taquaral e Sul Bonito”, nosso objetivo foi o de investigar como as famílias organizam seus espaços sociais no Taquaral e Sul Bonito, lugares diferenciados no que se referem infra-estrutura, observando o que essas diferenças provocaram e ainda provocam no processo de instalação e de permanência das famílias.

⁵ Para o levantamento dos dados participaram professores/as da UFGD, dentre eles/as: Alzira Salete Menegat, Eudes Fernando Leite, João Carlos de Souza, Marisa de Fátima Lomba de Farias. E também da UEMS: Giana Amaral Yamin, Lourenço Alves da Silva Filho, Paulo Sérgio Gomes Soares, Maria Cristina Ruiz Benito. E da ANHANGUERA: Tereza Bressan de Souza.

Participaram, ainda acadêmicos/as: Eunice da Silva, Jaqueline Camargo, Milene dos Santos, Vanessa Silva e Kátia da Costa.

produzem. Assim, nos foi possível recuperar histórias não-conhecidas, publicizadas no diálogo com as pessoas, num fazer histórico, construído a partir de suas próprias histórias (POLAK, 1992). Nessa construção estabelecemos pontos de contacto entre a memória individual e a memória coletiva, cuidado de que Pollak (1989) chama a atenção, quando diz que são exatamente esses pontos que viabilizam a reconstrução das lembranças sobre uma base comum. Por isso, nas análises da vida de mulheres assentadas, seguimos pelas formulações de Pollak (1992), que vislumbra a memória como elemento construído pelo sentimento individual e pelo sentimento coletivo, podendo servir de fonte para a reconstrução do perfil de uma pessoa ou de um grupo.

Durante as entrevistas fizemos o registro das narrativas do cotidiano das mulheres, gravando entrevistas e observando que a realidade vivida apresenta múltiplos enovelamentos. Por meio delas nos foi possível estabelecer um constante vai e vem entre tempos remotos com os tempos presentes, como recomenda Lucena (1994). Com este procedimento objetivamos compreender quais mudanças as mulheres projetaram sobre seus cotidianos, entendendo os papéis e representações enquanto mulheres, mães, companheiras e trabalhadoras.

Em nossas análises procuramos entender o cotidiano na premissa apontada por Martins, como lugar de importantes estudos, uma vez que, conforme o autor “é no pequeno mundo de todos os dias que está também o tempo e o lugar das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais” (MARTINS, 2000. p. 57).

As mulheres que estudamos vivem em dois assentamentos de Mato Grosso do Sul, o Taquaral, e o Sul Bonito, distintos em diversos aspectos: localizados geograficamente em diferentes regiões do Estado, estando o Taquaral instalado no município de Corumbá e o Sul Bonito, em Itaquiraí. Estes lugares são diferenciados quanto ao clima, à qualidade do solo, a oferta de água, ao transporte e outros elementos que os tornam opostos, especialmente no aspecto produtivo. São assentamentos que foram implantados entre os anos de 1986 a 1999, com alguns anos de instalação, fato que oferece condições para análises das estratégias produzidas para a fixação, bem como a compreensão de seus resultados.

Entendemos os lugares de nossas pesquisas na dimensão de novos lugares, uma vez que exigem das pessoas, múltiplas estratégias para sobrevivência. Por isso acreditamos que produzem novos sujeitos, representados pelas pessoas que neles imprimem vida⁶. O novo se expressa enquanto lugares onde ocorre a conjugação de dimensões físicas e sociais, bem

⁶ A respeito do sentido do novo, em relação aos assentamentos e as pessoas que os constitui ver “*No coração do Pantanal: assentados na lama e na areia*”, tese de doutorado, defendida em 2003, junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP, Campus de Araraquara, reorganizada e publicada no formato de livro em 2009, pelas editoras da UFGD e da UEMS.

como na capacidade das pessoas se adaptarem a situações adversas e criarem diferentes estratégias de sobrevivência, estabelecendo relações de solidariedade com a vizinhança e mesmo com a comunidade urbana, e, especialmente, com novas formas de produzir.

No processo de conquista da terra observamos a presença expressiva de mulheres nos diferentes momentos de mobilizações e ações de demandas e que se efetivou tanto no período do acampamento, quanto nos primeiros anos de assentadas. Este último momento, foi preciso continuar na organização para a busca de estrutura básica, como abastecimento de água, abertura de estradas vicinais, construção de escolas, posto de saúde e transporte. Suas atuações foram decisivas para “abrir portas”, como seus companheiros são unânimes em afirmar, já que elas, em suas reivindicações, movimentavam a maioria da “mulherada”, bem como os demais membros das famílias, em torno de diversas ações. Com isso, despontaram como figuras marcantes nas lutas pela conquista da terra, lideraram ocupações até chegarem ao assentamento definitivo; no assentamento definitivo, nos primeiros anos, organizaram e lideraram mobilizações para viabilizar uma estrutura básica para as moradias, a instalação de escolas, transporte e atendimento de saúde. No entanto, isso ocorreu num movimento contraditório, pois ao conseguirem a infra-estrutura básica, abandonaram ou mesmo suspenderam temporariamente suas atuações coletivas, voltaram-se às unidades produtivas

Quando do processo para a chegada às terras, abriram novas portas, eram tidas como “grupo do barulho”, num reconhecimento pela coragem, no demonstrar as dificuldades que viviam, e que por meio de suas múltiplas ações, com participação em passeatas, pedágios e outras atuações, publicizavam as privações tentando superá-las. Passado o momento de maior dificuldade, ocorreu um recrudescimento da atuação delas nos aspectos associativos: no Sul Bonito elas se restringiram as unidades individuais; no Taquaral, assumiram jornadas interpenetradas, a casa, o lote, o assalariamento doméstico urbano e/ou a feira, duplas ou triplas jornadas, que reduziram o tempo para atuações em outras demandas que se referiam ao viver na terra. As atuações de maior representação enquanto espaço social e de poder, passou para a esfera masculina. Os homens, em sua maioria, assumiram os trabalhos junto a assistência técnica, nos encaminhamentos de fomentos nas agências bancárias e mesmo na representação do lote junto ao INCRA, mesmo quando este era de representação jurídica da mulher.

Para entender esse movimento contraditório, analisaremos dois tempos: do acampamento e do assentamento. O tempo do acampamento é por nós definido como o tempo da “provisoriamente do barraco”, e o tempo do assentamento entendido como o tempo da “centralidade da casa”. Iniciemos com o acampamento, expresso na “provisoriamente do

barraco”, ou seja, no barraco o viver era provisório em muitos aspectos: enquanto lugar físico e social, porque estava comprimido nas faixas de terras do estado, localizadas nos corredores as margens das rodovias, entre a beira da estrada e áreas de fazendas, provocando inexistência enquanto espaço físico e não permitindo efetivação do social; provisório também enquanto espaço de morada, configurado no barraco sem condições do viver: deixava entrever o frio, o calor, a chuva; provisório, ainda, enquanto relações de poder porque todos/as, homens, mulheres, jovens e crianças deviam participar da luta, unir forças e criarem múltiplas estratégias que tornassem possível a passagem do viver provisório para o viver definitivo. Assim, estavam todos numa posição de iguais.

Na passagem do acampamento para o assentamento, surge a “centralidade da casa”, entendida sob a lógica dos enovelamentos tradicionais, tecidos por todos os membros das unidades familiares, especialmente pelas mulheres, enredando estas, na condição de sujeitos centrais para a fixação no espaço dos lotes, fazendo ressurgir o “modelo da casa”. Esse modelo deve ser analisado sob a lógica das exigências familiares, tendo como fio condutor a tríade: casa, família, trabalho. Assim, recriam a necessidade da permanência e do reconhecimento da mulher na unidade. É preciso destacar que em algumas casas do Taquaral, lugar onde as mulheres assumiram espaços outros, como o assalariamento e a comercialização de produtos nas feiras, o reconhecimento das casas, enquanto espaços de e para elas, não se efetivou de maneira harmoniosa, mas veio acompanhado de estranhamentos, indicando distanciamentos do modelo tradicional – mulher-casa-filhos. Lá elas assumiram outros espaços e neles conseguiram obter rendimentos com os quais sustentaram famílias, o que provocou mudanças no modelo tradicional, no qual o homem provia o sustento.

Observamos que no dia-a-dia das mulheres de ambos os assentamentos existem diferentes espaços de vida e de trabalho, dentre eles o espaço da roça e o espaço da casa. O espaço da roça é o que denota maior importância, posto que visto como produtivo, pois gera visibilidade e trabalho efetivo, mas ainda é o espaço comandado pelo homem. Já o espaço da casa representa o da reprodução no qual é consumido o lucro advindo do trabalho da roça e por isso mesmo visto como de valor nulo, se analisado sob a lógica capitalista, porque não gera lucro⁷.

Acreditamos que lá ocorre a negociação de que resulta Saffiotti (1987, p. 8), quando diz que “a sociedade delimita com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem”. Assim

⁷ A esse respeito ver o estudo de FARIAS (1983).

sendo, a identidade social de homens e mulheres é construída conforme essa atribuição de papéis, que são decorrentes de uma rede de significados sociais. Por isso, a preocupação de que “mulher não procure ser mais alta (sentido de posição social) do que o homem”, conforme a fala de uma assentada, que poderia causar constrangimento ao homem e produzir conflitos domésticos.

A existência de relações desiguais, entre homens e mulheres, dificultam o empoderamento das mulheres do campo, sendo que o mesmo não é fácil e nem mesmo definitivo, já que “a subordinação da mulher parece normal dentro da ideologia patriarcal, é difícil que a mudança entre em erupção espontaneamente da condição de subordinação. O empoderamento deve ser induzido primeiro pela criação de uma consciência da discriminação de gênero” (DEERE e LEÓN, 2002, p, 55). Por isso, no estudo com mulheres do Taquaral e do Sul Bonito refletimos sobre o empoderamento na concepção de Deere e León, que o definem enquanto processo que requer uma “transformação no acesso da mulher tanto aos bens quanto ao poder [...] Ao mesmo tempo, o empoderamento da mulher transforma relações de gênero e é, portanto, uma pré-condição para a obtenção da igualdade entre homens e mulheres” (DEERE e LEÓN, 2002, p, 52).

É preciso destacar que o empoderamento pode ser mais rápido quando induzido juridicamente e, por isso, damos ênfase às mudanças na condição das mulheres do campo, projetadas por elas nas décadas de 1980 e 1990, momentos em que construíram e fortaleceram movimentos de mulheres camponesas, intensificando as discussões ligadas às suas condições de vida, tentando não só o reconhecimento legal, mas especialmente o reconhecimento social de sua situação enquanto trabalhadoras. Com suas mobilizações conseguiram potencializar direitos jurídicos e assim levaram para o campo, direitos antes exclusivos dos/as trabalhadores/as urbanos/as, como o acesso ao crédito rural, ao salário maternidade, à aposentadoria e a outros benefícios que as colocaram em posições de visibilidade social e produtiva, o que levou ao início do empoderamento, especialmente no possuir “o meu ganho”, como nos disse uma assentada, referindo-se a aposentadoria que recebe. Ampliaram discussões, com temas outros: gênero, violência contra mulheres e produção sustentável (GRAZYBOWSKI, 1987).

Nos assentamentos Taquaral e Sul Bonito, especialmente do Taquaral, parte das mulheres participou do período das grandes mobilizações, mas passada essa fase, sua atuação política quase desapareceram. Hoje, em ambos os assentamentos, observamos que superado o momento em que cada família compreende como fundamental a presença das mulheres nas

unidades produtivas, para a estruturação das mesmas, no que denominamos de tempo da “centralidade da casa”, observamos, agora, um novo movimento organizativo das mulheres.

Na fase atual, ocorre uma nova participação política das mulheres. Estão se organizando em grupos, com trabalhos coletivos, num movimento e que num primeiro momento lembra os antigos clubes de mães, movidos pela assistência social da prefeitura e/ou pela extensão rural. O que as move são as dificuldades econômicas que cada uma vivencia no lote. Nesse sentido a formação de grupos coletivos, numa maneira ideal para a soma dos esforços, e que envolvem parcerias com instituições diversas, dentre elas o SEBRAE, Secretarias das prefeituras e Universidades⁸.

Nos novos grupos, as mulheres propõem demandas, com discussões diversas, desde conhecimentos e técnicas, transmitidos nas comunidades em que vivem nos assentamentos, e/ou mesmo em espaços urbanos, como técnicas na fabricação de artesanato, queijo, doce de leite, pão e outros. Associado as técnicas, observamos discussões outras, voltadas a palestras com temas sobre saúde da mulher e trabalho associativo e cooperativo, que evidenciam interesses em analisarem suas vidas enquanto mulheres e enquanto mulheres assentadas. Estão (re)abrindo novas portas, querendo “se cuidar”, como dizem, quando falam da beleza, uma simbologia cultuada pelas mulheres. Falam no prazer em cuidarem das unhas, usarem água de cheiro, roupas novas, e em proporem cursos que as habilitem a confeccionar vestimentas que as embelezem. Por isso, na fala das mulheres dos assentamentos é possível perceber o quanto o aspecto “ser mulher” vem imbricado em outros papéis: mãe, companheira, trabalhadora, mulher.

A trajetória da pesquisa nos tem mostrado que falar das mulheres assentadas é falar sobre todas essas outras coisas, que fazem parte de seus cotidianos. As mulheres, tanto do Taquaral como do Sul Bonito, por caminhos diferentes, estão descobrindo novas organizações para reunir a “mulherada” e de uma maneira que potencializem forças e sonhos. Enfim, podemos afirmar que em suas práticas cotidianas, as mulheres estão se redescobrimo, reabrindo portas, tornando o tempo presente possível, de que fala Martins(2000), quando diz que é no fragmento de tempo, do processo repetitivo do cotidiano, lugar das contradições, que se tem o tempo do possível.

As mulheres assentadas buscam na prática cotidiana, de avanços e recuos, de abrir, fechar e reabrir portas, as condições para se construírem enquanto mulheres e mulheres

⁸ A Universidade Federal da Grande Dourados, por solicitação das mulheres assentadas, iniciou trabalhos junto a um grupo de Itaquiraí, formado por mulheres de diversos assentamentos daquele município, atuando com conhecimentos voltados as atividades que envolvem a Economia Solidária Social.

assentadas, e assim transformar relações, especialmente aquelas que produzem desigualdade entre homens e mulheres. Questionam papéis na relação com os homens e com elas mesmas, transformando o que parece impossível, em possível. É isso que vem possibilitando o reabrir de portas que pareciam fechadas, mas que estavam apenas em estado de calmaria, de descanso.

No entanto, é preciso acentuar que as conquistas das mulheres do campo, que num primeiro olhar parecem mais visíveis nos aspectos econômicos e jurídicos, especialmente na inclusão dos nomes delas nas notas produtoras ou na conquista por seguridade social, representam o iniciar de seu empoderamento e com ele a desmistificação da idéia natural de que mulher do campo é feita para atuar na cozinha e na horta, porque é assim mesmo que tem que ser, porque sempre foi assim. As mulheres assentadas questionam a construção social, baseada na desigualdade entre homens e mulheres e estão tornando-se elas próprias novas mulheres.

REFERÊNCIAS

- BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. A família nos assentamentos rurais: trajetórias e conquistas. In: Almeida, C. P. F. ; ALMEIDA, Joaquim (ogs.) *Mulher, família e desenvolvimento rural*. Santa Maria: UFSM, 1996. p. 75-91.
- BRUMER, Anita. Mulher e desenvolvimento rural. In: PRESVELOU, Clio; ALMEIDA, Francesca R.; ALMEIDA, Joaquim Anécio (Orgs). *Mulher, família e desenvolvimento rural*. Santa Maria: UFSM, 1996. p.39-58.
- DEERE, Carmen Diana & LEÓN, Magdalena. *O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 52.
- FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de.. *Assentamento Sul Bonito: as incertezas da travessia na luta pela terra*. Araraquara, Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2002.
- FARIAS, Zaíra Ary. *Domesticidade: “cativeiro” feminino?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- FERRANTE, Vera Lúcia S. Botta. Diretrizes políticas dos mediadores: reflexões de uma pesquisa. In: MEDEIROS, Leonilde et al. *Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: UNESP, 1994. p.127-144.
- GRAZYBOWSKI, Cândido. *Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo*. Petrópolis: Vozes: Fase, 1987.
- LUCENA, Célia. Tempo e espaço nas imagens das lembranças. In: *Os desafios contemporâneos da história oral*. 1994. p.223-240
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MENEGAT, Alzira Salete. Mulheres assentadas e suas lutas. In: Almeida, Rosemeire Aparecida (Org.). *A questão Agrária em mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar*. Campo Grande: UFGD, 2008. p. 227 – 257
- MENEGAT, Alzira Salete. *No coração do Pantanal: assentados na lama e na areia*. Dourados: UFGD & UEMS, 2009.

- NEVES, Delma Pessanha. *Assentamento rural: reforma agrária em migalhas*. Estudo do processo de mudança da posição social de assalariados rurais para produtores agrícolas mercantis. Niterói: EDUFF, 1997.
- NEVES, Delma Pessanha. Assentamento Rural: confluência de formas de inserção social. *IX Congresso Brasileiro de Sociologia : A Sociologia para o Século XXI*. Porto Alegre, 1999.
- NORONHA, Olinda Maria. *De camponesa à madame*. São Paulo: Edições Loyola, 1986;
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p.200-215, 1992.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SAFFIOTTI, Heleieth, Iara Bongiovani. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. Memória de caminhantes em busca de terra. BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; AUBRÉE Marion; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. *Dinâmicas familiares, produtivas e cultura nos assentamentos rurais de São Paulo*. Campinas: FEAGRI/UNICAMP; Araraquara: INIARA; São Paulo: INCRA. 2005. p. 19 - 45
- ZIMMERMANN, Neusa de Castro. Os desafios de uma organização interna de um assentamento rural. In: Leonilde Medeiros et al. *Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: UNESP, 1994. p.205-224.